

## Recensão de *Goa ou O Guardião da Aurora*, de Richard Zimler

Ana Margarida Ramos  
Universidade de Aveiro  
www.anaramos.web.pt

A publicação recente do romance *Goa ou O Guardião da Aurora* (2005), da autoria de Richard Zimler, permite perceber uma linha de coerência na obra deste romancista, sobretudo ligada à revisitação literária de momentos históricos particularmente decisivos para Portugal, com especial incidência para o meio judaico ou cristão-novo. Assim, podemos afirmar que existe, por parte do autor, uma tentativa de iluminação de uma perspectiva apagada, ou pelo menos esquecida, tanto da História oficial como da criação literária. A centralidade narrativa que as famílias judaicas possuem nos romances de Zimler aproxima-se de um projecto pessoal, literário, mas também histórico, de reescrever a história e os acontecimentos marcantes numa outra perspectiva, alternativa em relação à dominante (centrada nas classes hegemónicas e na religião maioritária). Desta forma, o romance histórico, pela reflexão que promove, evidencia-se como um subgénero capaz de esclarecer, ou pelo menos iluminar, zonas mais obscuras da História nacional, trazendo para primeiro plano um vasto grupo alvo de inúmeras perseguições durante séculos, contribuindo para a recuperação, no sentido de reabilitação, dos judeus e cristãos-novos portugueses.

À semelhança do que já nos habituara em *O Último Cabalista de Lisboa* (1999) e *Meia-Noite ou O Princípio do Mundo* (2003), o autor dá a conhecer, pois, a sua particular apetência pelo romance histórico cujas características manuseia com grande à-vontade. Neste caso concreto, e para além da presença da cor local, visível na reconstituição de ambientes e na recriação de grandes movimentações das personagens, como é o caso do auto-de-fé ou dos rituais hindus, observa-se a presença de um exotismo particularmente forte, uma vez que grande parte da acção decorre na Índia, durante a ocupação portuguesa, no século XVI. As marcas de um contexto exótico destacam-se não só nas descrições físicas das personagens, ao nível dos traços físicos e do vestuário utilizado, mas também na descrição das paisagens naturais, com especial relevo para os elementos de uma flora e fauna específicas, que resultam no apelo de um conjunto de estímulos sensoriais ligados à visão, mas também à audição, ao olfacto e ao paladar, como as inúmeras alusões de teor gastronómico permitem constatar.

O cenário revela-se particularmente decisivo para o desenrolar da intriga, assumindo quase o estatuto de personagem (como o próprio título reforça), influenciando o carácter das personagens e as suas decisões. A Índia portuguesa, em pleno século XVI, é retratada como ponto de encontro de, pelo menos, três religiões diferentes (catolicismo, judaísmo e hinduísmo), várias culturas e modos de vida, nomeadamente no que diz respeito à organização e estratificação social. A aproximação à época é visível através da reconstituição da cidade e dos locais que a constituem, como é o caso do porto ou do mercado, da arquitectura e decoração dos vários espaços (interiores e exteriores) nos quais decorre a acção, e da descrição pormenorizada do vestuário das personagens.

Mas *Goa ou O Guardião da Aurora* evidencia ainda a particularidade de a sua leitura não se esgotar na componente histórica, por mais fiel que possa ser a sua recriação. Assim, este romance

utiliza igualmente estratégias particulares do romance policial, no sentido em que existe um mistério a resolver, inúmeras pistas apontando em diferentes direcções, e o final é, de alguma forma, surpreendente e inesperado. O narrador, nesta perspectiva, configura-se como uma personagem à procura de um culpado para as várias traições que o atingiram (e à sua família) e alteraram, radicalmente, o rumo da sua vida. A família possui, aliás, um considerável peso narrativo, na medida em que a sua história é reconstituída, o que também pode configurar a obra enquanto romance de família, seguindo a vida dos descendentes de *O Último Cabalista de Lisboa* e fazendo mesmo referência a acontecimentos e personagens desse livro. Aliás, a família judia “Zarco” manifesta-se como linha coesiva da produção romanesca de Zimler, uma vez que é à volta dos seus elementos que percorre vários continentes, diferentes países e momentos históricos distintos. De alguma forma, a recuperação das pequenas grandes histórias que constituem a vida de várias gerações de uma mesma família, alvo de perseguições e injustiças, cruza-se com a História de Portugal, nos seus momentos de glória e de decadência.

Desta forma, tem particular relevo na arquitectura romanesca o tratamento do tempo. Intercalando e alternando a narração analéptica de diferentes momentos biográficos com alusões prolépticas, o narrador autodiegético reconstrói toda a sua vida, sob a forma de memórias, desde a sua infância até ao momento em que anuncia a sua morte. A apropriação do tempo revela-se, portanto, manobrável e ajustável às conveniências de Tiago Zarco, que ora se distende em descrições pormenorizadas do horror do seu tempo de cativo, ora recupera, de forma idílica, momentos caros da infância. De alguma forma, o romance oscila entre a escrita diarística e memorialista, apesar de o texto se configurar como “memórias”, dando conta da tentativa do narrador-personagem de reconstruir o seu passado (e o da sua família, da sua terra, da sua religião, do seu país) através da escrita, de se perdoar a ele próprio, fazendo as pazes consigo mesmo. Trata-se da assunção da escrita como fuga, como catarse, e, principalmente, como tentativa de recuperar o passado e de se sobrepor às mortes, aos crimes e às culpas, ao desaparecimento sucessivo das pessoas próximas e ao sofrimento. O leitor, desde as primeiras páginas, atraído por um estilo marcado pelo visualismo das descrições e por uma selecção de personagens complexas e polifacetadas, com zonas de luz e sombra, acompanha e testemunha o percurso do protagonista, aderindo à sua visão do mundo. O romance, tal como a charada proposta pelo Inquisidor a Tiago Zarco sugeria, revela o poder de continuar a falar aos leitores muito depois de terminada a sua leitura. Neste caso, fala de desentendimentos culturais e religiosos e de conflitos com centenas, possivelmente milhares, de anos e da forma como afectam, de forma particularmente trágica, a vida quotidiana dos homens. Mais do que o julgamento do narrador (e, eventualmente a sua condenação), o leitor é chamado a realizar uma reflexão sobre as interferências da História nas pequenas estórias.

Richard Zimler, *Goa ou o Guardiã da Aurora*, Lisboa, Gótica, 2005